

QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E TRABALHO EM SANTA CATARINA

Carolina Custódio¹, Patrícia Bonini²

¹ Acadêmico do Curso de Ciências Econômicas da ESAG - Bolsista PROIP/UDESC

² Orientadora, Departamento de Ciências Econômicas da ESAG – patriciabonini@gmail.com

Palavras-chave: Diferenças salariais. Formação acadêmica. Ciência & tecnologia

As áreas de aplicação direta de ciência e tecnologia são referidas como STEM (acrônimo para Science, Technology, Engineering and Math) nos Estados Unidos, União Europeia, Austrália e Japão – ver, por exemplo Langdon et ali. (2011) e WISE (2015). Quando tratadas em conjunto e comparadas com as demais áreas de atividade econômica, os postos de trabalho STEM exibem algumas características:

- (i) A média salarial dos empregos STEM é mais alta do que a média salarial das demais atividades, configurando o que tem sido chamado de “prêmio salarial STEM”.
- (ii) O prêmio salarial STEM é maior para as mulheres (Beede et ali., 2011) do que para os homens, embora a participação feminina nos empregos STEM seja bastante inferior à participação na força de trabalho como todo.

Para o Brasil, não na literatura qualquer estudo sobre formação e trabalho nas áreas STEM. Nesse contexto, o objetivo principal dessa pesquisa é estabelecer uma correspondência entre as carreiras e ocupações agrupadas no acrônimo STEM nos países da OCDE e a organização dos dados sobre trabalho e ensino no Brasil. Para tanto, a pesquisa se propõe a estabelecer um grupo de códigos de ocupação da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) do IBGE que corresponda à força de trabalho STEM, segundo os critérios adotados pelos órgãos de pesquisa e governo nos países da OCDE. Uma vez constituído o grupo STEM brasileiro, a investigação parte para a descrição estatística dessa força de trabalho, comparando seu perfil com o perfil dos demais atuantes no mercado de trabalho – grupo não-STEM – de modo a investigar se ocorrem no Brasil as mesmas tendências apontadas na literatura para os países da OCDE e em que medida essas tendências são diferentes através das grandes regiões brasileiras.

Em termos metodológicos, o critério seguido para determinar o grupo de carreiras e postos de trabalho STEM é o adotado pelo órgão americano de estatística ESA (*Economics and Statistics Administration*) – ver, por exemplo Langdon et ali. (2011) ou WISE (2015). Já os critérios de comparação entre grupos STEM x Não-STEM são aqueles associados à produtividade – de acordo com a teoria do capital humano: idade, escolaridade, tempo no emprego. Por fim, as estimações do prêmio STEM em cada região brasileira baseia na decomposição de Oaxaca, consolidada em Oaxaca e Ranson (1994, 1999).

Quanto aos resultados até agora alcançados podemos destacar:

- (i) Em termos de formação STEM, um projeto de extensão, desenvolvido em conexão com a pesquisa, enfocou na investigação do perfil de gênero dos cursos de formação universitária em Santa Catarina. Utilizando-se dados secundários do censo universitário do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), para o ano de 2015, quantificando os cursos de graduação em termos de pessoal entrante e pessoal formado em 2015. Os ingressantes e formandos são, respectivamente, 22% e 15% do total.

(ii) Quanto ao trabalho STEM no Brasil, a pesquisa identificou 164 códigos que podem ser agrupados como correspondentes ao STEM.

► No Brasil como todo, os postos de trabalho STEM somam apenas 0.2%. Esta proporção é baixa porque nos Estados Unidos, por exemplo, ela é 5.5%. Essa proporção não é homogênea entre as regiões, nem tampouco, é homogênea dentro das regiões. A exceção é a região sul, onde os Estados do Paraná e Rio Grande do Sul dão conta de, respectivamente, 38,7% e 37,7%, do total regional. Santa Catarina representa 23,6% do trabalho STEM da região sul.

Na região sudeste, trabalham 42% dos STEM brasileiros, enquanto na região norte, apenas 5% destes. Neste último caso,

► Na região sudeste, apenas 0,11% da força de trabalho está nas atividades STEM. Já nas regiões sul e centro oeste que apresentam as maiores proporções STEM de sua força de trabalho, respectivamente, 1.02 e 1.04%.

► Na região sudeste, o Estado do Rio de Janeiro possui 44% dos postos de trabalho STEM da região e 18.6% do total brasileiro, neste caso, seguido pelo estado de Minas Gerais, com 13,41% do total brasileiro de trabalhadores STEM. Portanto, não é em São Paulo que está a maior parte da força de trabalho STEM nacional.

► Já a participação feminina na força STEM é semelhante em termos do território nacional brasileiro. Na média nacional essa participação é 21.3%, sendo a região sudeste a que apresenta maior participação feminina – 24.6%, e a região sul, a menor participação feminina, com 20,4%. Também é esta a região com maior proporção de empregados STEM em relação à força de trabalho regional. Já a região norte possui a menor proporção STEM. (Nos EUA, elas ocupam menos de 25% dos empregos STEM)

Quanto à escolaridade do trabalho STEM:
Em todas as regiões, a média de escolaridade das mulheres STEM é maior do que a homens STEM.

► Destaca-se que as mulheres da região norte possuem a maior média de escolaridade nacional STEM, seguidas das mulheres da região nordeste. Com isso, essas regiões apresentam maiores graus de escolaridade do grupo STEM considerando-se homens e mulheres juntos .